

A sociedade da comunicação ou o Mito da Mudança: implicações éticas

Maria Gabriela Gama¹

Num mundo determinado por uma economia volátil, cada vez mais marcado pela internacionalização dos mercados, onde são exigidas tomadas rápidas de decisão e as estratégias se regem por avanços e recuos, as Novas Tecnologias, acelerando todos os processos de decisão, são instrumentos de poder, desempenhando um papel totalizador no mundo de hoje, o que não deixa de ser uma forma de dominação. Funcionando como uma máquina, o mercado rege-se pelo imperativo tecnológico.

Petrificado perante a aceleração da mundialização e o triunfo do mercado, o Homem vive um tempo de transformação que afecta tudo o que faz. É empurrado para uma ordem global, sem saber muito bem para onde vai, mas cujos efeitos se sentem desde logo.

Vivemos um tempo em que a mediação dos acontecimentos ocupa um espaço primordial. Um tempo que acentua, cada vez mais, a rapidez, o imediatismo e o fugaz.

A vida de todos os dias é o fútil que é a nossa existência – paradoxo que se faz de uma forma caótica. Vamo-nos empurrando, consumindo, num tempo desvitalizado e descoordenado.

Vivemos um tempo embriagado pelo *fait-divers*, pelo aumento desenfreado do consumo, pela alienação do mundo que ideologicamente constrói um outro, pela dimensão tecnológica que se impõe como controlo totalitário do sistema, onde o Homem é, agora, o próprio objecto dos mecanismos desse novo sistema.

Herbert Marcuse salienta:

“Encontramo-nos de novo perante um dos aspectos mais perturbadores da civilização industrial avançada: o carácter racional da sua irracionalidade. A sua produtividade e eficiência, a sua capacidade de incrementar e difundir as comodidades, de con-

verter o supérfluo em necessário, a destruição em construção, o grau em que esta civilização transforma o mundo-objecto em extensão da mente e o corpo do Homem, torna-se sujeito da noção de alienação”.

Desta forma, surge o “Homem unidimensional” de que nos fala Marcuse, numa sociedade onde a razão científico-tecnológica direccionada para o consumo cada vez mais desenfreado impera. O Homem produtor desta sociedade é, simultaneamente, o seu objecto; a “máquina desejante” de que nos fala Deleuze na obra *O Anti-Édipo*:

“desfeita a unidade estrutural da máquina, deposta a unidade pessoal e específica do ser vivo, a máquina e o desejo aparecem directamente ligados, a máquina introduz-se no desejo, a máquina é desejante e o desejo, maquinado”³.

O Homem, transformado em máquina de consumo, é também controlado e programado tornando-se num sujeito alienado da “máquina desejante” de uma sociedade de consumo onde predominam comportamentos padronizados, uniformizados, característicos das sociedades industriais avançadas.

O Homem, sob a aparência de um bem-estar social, não é mais do que um sujeito perdido num mundo de coisas, onde ele próprio se coisifica.

A ciência e a técnica deram origem a novos mitos na sociedade de consumo. Este modelo de sociedade preconiza uma dupla perspectiva orientada quer para o aumento da produção quer para o consumo.

Baudrillard, no livro *A Sociedade de Consumo*, afirma:

“Vivemos a era dos objectos e existimos segundo o seu ritmo e em

conformidade com a sua sucessão permanente e vemo-los nascer, produzir-se e morrer, ao passo que em civilizações anteriores eram os objectos, instrumentos ou monumentos que sobreviviam às gerações humanas”⁴.

Sob a aparência de um bem-estar social e de um aumento de consumo, para os quais é imprescindível o desenvolvimento científico-tecnológico, impõe-se o controlo totalitário do sistema, onde o Homem é agora o próprio objecto dos mecanismos desse mesmo sistema.

Essa vontade demiúrgica que leva a negar a humanidade do homem, a coisificá-lo, é a consequência da vontade de domínio da técnica.

Quando o sujeito se deixa de assumir na sua dimensão crítica torna-se na “máquina desejanse” de uma sociedade direccionada para o consumo, olhando o Homem como um mero objecto entre outros objectos, onde o mesmo se vê e revê nos outros como coisas, cujos comportamentos são estereotipados, unidimensionais.

A par da sociedade de consumo, deparamo-nos com uma sociedade de comunicação generalizada que revolucionou e continua a revolucionar o nosso tempo. As Novas Tecnologias desenvolveram um campo de aplicação tão vertiginoso que o Homem nunca equacionou.

Para um homem do século passado, o ignorado começaria, decididamente, a partir dos limites do lugar que habitava e o mundo reduzir-se-ia a uns tantos quilómetros que teria possibilidade de percorrer ao longo da sua existência. Esses quilómetros correspondem hoje a muito menos. De facto, as novas tecnologias provocaram a superação progressivo das fronteiras, o estreitamento das distâncias; o nosso mundo tornou-se assim um “mundo limitado” de fronteiras espaço-temporais cada vez mais comprimidas.

Simultaneamente, anuncia-se o nascimento de uma nova sociedade onde a questão da interacção social também é afectada, uma vez que esses sistemas são eles próprios lugares de interacção do indivíduo.

Não devemos adoptar uma perspectiva saudosista, negando todos os benefícios que as Novas Tecnologias nos proporcionam,

diabolizando a técnica e entrando num discurso anti-tecnológico. Devemos sim apelar à reflexão, o que supõe um olhar crítico para lá da máquina. Se delegarmos nas máquinas as actividades puramente instrumentais, ao Homem caberá o desempenho criativo, flexível, intelectual, que o obriga a questionar para além do que vê.

Por outro lado, não deixa de ser objecto de reflexão o que nos diz Lucien Sfez:

“A técnica, como simples instrumento, torna-se soberana e, como todos os soberanos, serve-se dos escribas que cantam os seus louvores, a sua força, os seus raios benfeitores. Uma palavra técnica faz-se ouvir e essa palavra tem o peso dos objectos que ela sustenta e aos quais permite desenvolver-se. Ao lado do discurso técnico, os outros discursos fazem figura de satélites.”⁵

À medida que constatamos o avanço das Novas Tecnologias, não podemos deixar de reflectir sobre a ausência de comunicação no mundo de hoje. Isto supõe que as Novas Tecnologias se revistam de uma fragilidade quando reflectimos sobre os desafios da comunicação que se jogam na relação com o outro.

As Novas Tecnologias garantem-nos a ilusão de um mundo novo, globalizado, indiferenciado. A ideologia do progresso, sempre associado às Novas Tecnologias, toma muitas vezes o lugar da reflexão.

Diz-nos Moisés Martins:

“Pela tecnologia do virtual, misturam-se a presença e a ausência, o próximo e o distante, o pesado e o leve, a aparência e a realidade. Entram em crise as fronteiras entre o real e o visual. O nosso mundo fusiona. Também pelo visual nos globalizamos; simplesmente, a vertigem do conhecimento absoluto e da sua comunicação universal tem a ressonância dos cacos de babel e da memória do jardim de Éden”⁶.

O desafio que se apresenta ao Homem de hoje não está na sua sistemática ligação

em rede, mas na experiência da relação com o outro. Não sendo tarefa fácil, será imperativo desconfiar apenas das potencialidades daqueles que acreditam que a sociedade de hoje, e a de amanhã, se revê apenas no domínio das competências tecnológicas.

Esta ideia ganha forma quando se pensa acreditar que a comunicação eficaz só é possível alcançar através da multiplicidade de suportes técnicos. Nunca as competências técnicas nem as inovações tecnológicas, isoladamente, conseguirão transformar o fracasso em sucesso, a má comunicação numa comunicação eficaz.

A este propósito, questiona Dominique Wolton:

“(…) Qual a relação entre as necessidades de comunicação dos homens e das sociedades? Até que ponto vai a necessidade humana de comunicar? Quais são os custos e o preço desta revolução? Que desigualdades e que relações de força dela emanam?”⁷.

Este Homem que vive este tempo, sempre ofuscado pelo brilho das Novas Tecnologias, sofre ele também o efeito desta aceleração generalizada, ficando escravo do tempo que não tem, fazendo um caminho solitário sempre penoso se não tivermos em conta a existência do outro.

A par do tempo que não tem, o Homem já não sabe estar no silêncio. A era que vivemos é a era do ruído, da ligar/desligar da máquina, da sua avaria. E parece que este Homem que vive apressado em comunicar mais e melhor esquece que o pensamento impõe interioridade, reflexão. Daí a afirmação daquilo que é para Philippe Breton uma contradição:

“O imperativo de comunicar é uma acusação contra o silêncio, bem como uma erradicação de toda a interioridade. Não deixa que sobre tempo para a reflexão. O pensamento exige paciência; a comunicação é sempre feita com urgência”⁸.

Pensamos que é indispensável reassumir a ideia de que o homem é acima de tudo razão e linguagem; o que caracteriza o ser

humano é a inteligência, o pensamento, o saber ver para além das aparências – isso é apenas privilégio do humano. Na máquina não existe um pensamento criador, inventivo, tudo é programado - o ver para além do visto é apanágio do homem – porque o pensamento assenta sobre aquela capacidade de “ruminação” de que nos falava Nietzsche, que exige o luxo do vagar.

Mas a voragem do tempo que vivemos impede-nos de pensar para além do visível, impede-nos de pensar no outro - na relação com esse outro. Diz-nos Moisés Martins:

“A racionalidade tecnológica anula ou compensa os ruídos, ajusta o homem à máquina de maneira a evitar perdas de mensagem; a racionalidade tecnológica globaliza o tempo, impõe a ilusão de uma vizinhança global; banaliza todas as misérias deste mundo, ofusca-nos com o brilho de sonhos que nos vampirizam a alma, produz o conformismo”⁹.

Existem razões que nos levam a relativizar o optimismo global: hoje, vivemos num mundo em que co-existem uma prosperidade como jamais a espécie humana alcançara, ao lado da miséria e da privação mais extremas. O que significa que as possibilidades tecnológicas de aceder ao desenvolvimento são absolutamente desproporcionadas. Aldeia Global? Sim, mas onde – na Somália, na Coreia do Norte ou em Portugal?

O que podemos esperar? O que nos compete fazer?

Assim, pensar a urgência de uma ética de responsabilidade ultrapassa a dimensão da reflexão filosófica estrita para se colocar num âmbito mais lato.

A questão seria talvez mais simples se fossemos habitantes solitários do planeta. Mas a realidade é que vivemos homens entre os homens, uns com os outros e, nesse contexto, a escolha do que nos convém e do que nos propicia uma vida colectiva mais harmoniosa torna-se uma questão mais complexa e delicada.

O vínculo aos outros é, com efeito, fundamental: cada ser humano define-se como sujeito ético enquanto se descobre como um ser que vive com os outros.

A existência humana é uma existência partilhada, isto é, vivida em coexistência com os outros ou, dito de outro modo, o ser humano é um ser eminentemente social. Assim, a relação do eu/outro implica que nos coloquemos numa perspectiva de universalidade do agir.

A relação com o outro coloca-nos perante o desafio da nossa auto-construção, mostrando que a realização de cada um supõe também a realização do outro, numa convergência de vontades particulares tendo em vista a realização de fins comuns.

A sociabilidade constitui-se assim como o terreno donde brota a consciência axiológica e a dignidade de cada um como pessoa – porque aquilo que cada um é, é-o na sua coexistência com os outros.

O agir faz-se em nome de um ideal de coexistência em que se pretende ver assegurada a dignidade da pessoa; em que o agir humano surge determinado por um querer individual mas sempre em coexistência com

os outros quereres. É uma relação de compromisso e responsabilidade que, de uma forma autónoma, pessoal, deliberada e conscientemente, cada um estabelece perante si próprio e perante os outros.

Em jeito de conclusão diz-nos, Emmanuel Levinas:

“(…) Sou eu que suporto tudo. Conhece a frase de Dostoievsky: «Somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros». Não devido a esta ou àquela “culpabilidade efectivamente minha, por causa de faltas que tivesse cometido; mas porque sou responsável de uma responsabilidade total, que responde por todos os outros e por tudo o que é dos outros, mesmo pela sua responsabilidade. O eu tem sempre uma responsabilidade a mais do que todos os outros”.¹⁰

Bibliografia

Baudrillard, Jean, *A Sociedade de Consumo*, Lisboa, Edições 70, 1995.pp.213.

Breton, Pilippe, (1995) : *L'utopie de la Communication. L' mythe du village planétaire*, Paris, La Découverte, 1995,pp.148.

Deleuze, Gilles, *O Anti.Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996, pp.430.

Giddens, Anthony, (1990): “El Estructuralismo, el Pos-Estructuralismo y la Producción de la Cultura”, *La Teoria Social Hoy*, Madrid, Alianza Universidad, pp.145

Levinas, Emmanuel, *Ética e Infinito*, Lisboa, Edições 70, 1988.

Marcuse, Herbert, *El Hombre Unidimensional*, Barcelona, Editorial Ariel, 1994, pp.286.

Mattelart, Armand, *A Invenção da Comunicação*, Paris, La Découverte, 1998,pp.418.

Martins, Moisés, “A Modernidade e a sua Assombração”, Braga, Oração de Sapiência nas Comemorações do XXVI da Aniversário da Universidade do Minho 17 de Fevereiro, 2000.

Martins, Moisés, “A Sociedade da Informação e o Sentido da Mudança”, VV.AA., *Actas do Iº Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 1999,pp.153.

Wolton, Dominique, *Penser la Communication*, Paris, Flammarion, 1997,pp.401.

Wolton, Dominique, *Internet et Après? – Une Théorie Critique des Nouveaux Médias*, Paris, Flammarion, 2000, pp.217.

Touraine, Alain, *Crítica da Modernidade*, Lisboa, Edições Piaget, 1994,pp.470.

Touraine, Alain, *Iguais e Diferentes – Podemos Viver Todos Juntos?*, Lisboa, Edições Piaget, 1994,pp.419.

Sfez, Lucien, *Crítica da Comunicação*, Lisboa, Edições Piaget, 1994,pp.389.

¹ Universidade do Minho.

² Herbert Marcuse, *El Hombre Unidimensional*, Barcelona, Editorial Ariel, 1994, p.39.

³ Gilles Deleuze, *O Anti.Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996, p.297.

⁴ Jean Baudrillard, *A Sociedade de Consumo*, Lisboa, Edições 70, 1995, pp15-16.

⁵ Lucien Sfez, *Crítica da Comunicação*, Lisboa, Edições Piaget, 1994, p.23.

⁶ Moisés Martins, *A Modernidade e a sua Assombração*, Oração de Sapiência nas Comemorações do XXVI da Aniversário da Universidade do Minho, Braga, 17 de Fevereiro, 2000, p.6.

⁷ Dominique Wolton, *Internet et Après? – Une Théorie Critique des Nouveaux Médias*, Paris, Flammarion, 2000, p.29.

⁸ Pilippe Breton, *L'utopie de la Communication. L' mythe du village planétaire*, Paris, La Découverte, 1995, p.12.

⁹ Moisés Martins, *A Sociedade da Informação e o Sentido da Mudança*, VV.AA., *Actas do Iº Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação*, Lisboa, 1999, Edições Universitárias Lusófonas, p.126.

¹⁰ Emmanuel Levinas, *Ética e Infinito*, Lisboa, Edições 70, 1988, pp-90-91.